

**O TERRITÓRIO COMO EXPRESSÃO DO SINCRETISMO NAS PRÁTICAS COTIDIANAS
DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO (MT)**

**THE TERRITORY AS AN EXPRESSION OF SYNCRETISM IN THE DAILY PRACTICES
OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF MATA CAVALO (MT)**

**EL TERRITORIO COMO EXPRESIÓN DE SINCRETISMO EN LAS PRÁCTICAS
COTIDIANAS DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE MATA CAVALO (MT)**



10.56238/revgeov17n5-072

Clésio Lopes do Nascimento

Mestre em Geografia

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

E-mail: clesio007@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4957-8252>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3091742655698272>

Silvia Fernanda Cantóia

Doutora em Geografia

Instituição: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

E-mail: silvia.cantoia@ufmt.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2898-3910>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2772149174350758>

RESUMO

Este artigo discute o sincretismo cultural e religioso presente nas práticas cotidianas da comunidade quilombola de Mata Cavalo, em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. O objetivo é compreender como a combinação de elementos culturais e religiosos contribui para a construção da identidade territorial do grupo, considerando sua trajetória de resistência e a luta histórica pelo direito à terra. A pesquisa baseou-se em levantamento bibliográfico e análise documental, que permitiram identificar como práticas agrícolas, saberes tradicionais, relações sociais e celebrações religiosas expressam formas diversas de sincretismo. Essas manifestações fortalecem o sentimento de pertencimento ao território e evidenciam o papel central da memória e da oralidade na transmissão de saberes ancestrais. Conclui-se que o território ultrapassa a dimensão física, constituindo-se também como espaço simbólico de resistência e continuidade cultural.

Palavras-chave: Sincretismo Cultural. Identidade Quilombola. Território. Sincretismo Religioso. Memória e Oralidade.

ABSTRACT

This article examines the cultural and religious syncretism presente in the daily practices of the Mata Cavalo Quilombola Community, located in Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brazil. The study seeks to understand how the combination of cultural and religious elements contributes to the construction of the community's territorial identity, considering its history resistance and its



longstanding struggle for land rights. The research is based on a literature review and document analysis, which made it possible to identify how agricultural practices, traditional knowledge, social relations, and cultural and religious celebrations express different forms of syncretism. These expressions strengthen the community's sense of belonging to the territory and highlight the central role of memory and orality in the transmission of ancestral knowledge. The study concludes that the territory extends beyond its physical dimension, functioning as a symbolic space of resistance and cultural continuity.

Keywords: Cultural Syncretism. Religious Syncretism. Quilombola Identity. Territory. Memory and Orality.

RESUMEN

Este artículo analiza el sincretismo cultural y religioso presente en las prácticas cotidianas de la comunidad quilombola de Mata Cavalo, en Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. El objetivo es comprender cómo la combinación de elementos culturales y religiosos contribuye a la construcción de la identidad territorial del grupo, considerando su historia de resistencia y la lucha histórica por los derechos sobre la tierra. La investigación se basó en la revisión bibliográfica y el análisis documental, lo que permitió identificar cómo las prácticas agrícolas, el saber tradicional, las relaciones sociales y las celebraciones religiosas expresan diversas formas de sincretismo. Estas manifestaciones fortalecen el sentimiento de pertenencia al territorio y resaltan el papel central de la memoria y la oralidad en la transmisión del saber ancestral. Se concluye que el territorio trasciende la dimensión física, constituyendo también un espacio simbólico de resistencia y continuidad cultural.

Palabras clave: Sincretismo Cultural. Identidad Quilombola. Territorio. Sincretismo Religioso. Memoria y Oralidad.



1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas, detentoras de um legado ancestral de resistência e resiliência, compõem um rico e singular mosaico cultural no Brasil. Originadas a partir da fuga de africanos escravizados que buscavam liberdade e autonomia em territórios afastados e de difícil acesso, essas comunidades desenvolveram, ao longo dos séculos, formas de organização social, sistemas de conhecimento e expressões religiosas que desafiam o senso comum (Almeida, 2011).

Marcadas pela fusão de diferentes matrizes culturais - africanas, indígenas e europeias - as comunidades quilombolas são berços do sincretismo. Esse processo que decorreu da necessidade que os africanos e seus descendentes tiveram de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante (Nascimento, 1978).

Esse diálogo transcultural, também debatido por Ferretti (2013), pode ser observado desde a veneração de santos católicos que se fundem com divindades africanas, como nos casos de São Benedito e Ogum, perpassando pela utilização de ervas medicinais, rituais de cura que combinam saberes tradicionais africanos e indígenas (Pinto, 2007), até a celebração de festas que mesclam elementos cristãos e africanos, como a Festa do Divino Espírito Santo e a Folia de Reis (Moura, 1988).

No âmbito cultural mais abrangente, essa fusão cultural se expressa na culinária, com pratos como o vatapá e o acarajé, na música, com ritmos como o jongo e o samba, na dança, nos contos e lendas, nas técnicas agrícolas, na arquitetura, criando um complexo sistema de significados que reflete a história e a identidade quilombola (Gomes, 2019).

É nesse contexto que o território se revela como elemento fundamental para a compreensão do sincretismo nas comunidades quilombolas. Para além de sua dimensão física e econômica, o território quilombola é um espaço de memória ancestral, pertencimento, resistência e reprodução cultural. O território abrange uma dimensão simbólica e cultural, na qual a identidade territorial é estabelecida pelos grupos sociais como meio de exercer controle simbólico sobre o espaço onde residem.

Dessa forma, o território também se configura como um processo de apropriação e conta com uma dimensão mais concreta de natureza político-disciplinar, caracterizando-se pela apropriação e organização do espaço como instrumentos de domínio e disciplina dos indivíduos (Haesbaert, 2007).

As práticas agrícolas, como o plantio de mandioca e a fabricação de farinha, as celebrações religiosas, as danças típicas, como o Congo e o siriri, além dos rituais de cura, com a utilização de plantas medicinais e benzimentos, as formas de organização social, baseadas na cooperação e na reciprocidade, tudo se entrelaça no cotidiano quilombola, criando um tecido cultural rico e diversificado, onde o sincretismo se manifesta de maneira multifacetada.

O presente artigo dialoga na perspectiva da necessidade de aprofundar a compreensão do sincretismo religioso e cultural em comunidades quilombolas a partir de uma perspectiva territorial. Ao reconhecer a intrínseca relação entre cultura, espaço e identidade, busca-se desvendar como o



território influencia e molda as práticas sincréticas cotidianas, considerando as interações com o mundo externo e as transformações socioculturais em curso. Autores como Nascimento (1980), que em sua etnografia documenta a experiência e a cultura dos quilombos e Moura (2009), que demonstra a importância do território na luta por reconhecimento da comunidade quilombola de Mata Cavalo-MT, têm destacado a centralidade do território na análise das dinâmicas socioculturais dessas comunidades.

2 CONCEITO DE TERRITÓRIO E IDENTIDADE EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

O território em comunidades quilombolas, conforme Almeida (2011) e Sousa (2015), transcende a dimensão física, configurando-se como um espaço multidimensional de simbolismo, história e ancestralidade, essencial para a construção e manutenção da identidade cultural e para a (re)produção da vida social e cultural.

Além da dimensão material, o território quilombola possui um significado imaterial, representando reminiscências do passado colonial, ancestralidade e a história de luta e resistência (Nascimento, 2013). Nesse sentido, o território é um espaço de manifestação das memórias de opressão, lutas por sobrevivência e construção dos quilombos, onde a memória coletiva enraizada contribui para a afirmação da identidade quilombola e a reivindicação de direitos territoriais.

A identidade quilombola, por sua vez, é dinâmica e intrincada, construída e constituída a partir da interação de fatores, como a ancestralidade africana, a relação com o território, as práticas culturais e as experiências sociais (Schwarcz, 2017). Nesse sentido, o território, como espaço de vivência e pertencimento, desempenha um papel de destaque na construção dessa identidade, pois é nele em que se materializam tradições, costumes e valores que representam a cultura quilombola.

A relação entre território e identidade em comunidades quilombolas costumam ser dialética e interdependente (Almeida, 2011). O território influencia a construção da identidade, ao mesmo tempo em que é ressignificado e reconstruído pelas práticas sociais e culturais da comunidade. Tal relação dinâmica se manifesta nas diversas formas de apropriação e uso do território, seja material ou imaterial, como nas atividades agrícolas, nos rituais religiosos, nas festas e nas manifestações culturais.

As atividades agrícolas, por exemplo, para além de sua função econômica, possuem um forte componente cultural e identitário (Gomes, 2019). O cultivo da terra, a produção de alimentos e o conhecimento tradicional associado a essas práticas representam um elo com o passado e com a ancestralidade, contribuindo para a afirmação da identidade quilombola.

Em um contexto geral, os rituais religiosos, como o tambor de crioula e as festas em homenagem aos santos, constituem-se importantes marcadores da identidade quilombola (Ferretti, 2013). São práticas realizadas em espaços sagrados dentro do território, que reforçam os laços comunitários, transmitem conhecimentos ancestrais e promovem a coesão social. São momentos de



confraternização, celebração e reafirmação da identidade quilombola, pois a comunidade se reúne para cantar, dançar, contar histórias, compartilhar alimentos e celebrar sua cultura.

A música, a dança e os contos também desempenham um papel fundamental na construção da identidade quilombola. O samba de roda, a capoeira, os contos de origem africana e as lendas locais transmitem valores, histórias e conhecimentos ancestrais, contribuindo para a preservação da memória e da identidade cultural (Moura, 1988).

A identidade quilombola destaca-se por não ser estática, estando em constante processo de construção e reconstrução (Schwarcz, 2017). As interações extraterritoriais, refletem a capacidade dessas comunidades de enfrentar desafios e adaptar-se às mudanças sociais e econômicas.

No contexto da luta pela terra e pelo reconhecimento de seus direitos, as comunidades quilombolas apropriam-se do discurso sobre território e identidade para reforçar suas reivindicações e defender seus modos de vida (Nascimento, 2013). O território, como espaço de memória, ancestralidade e pertencimento, torna-se um elemento central na construção de uma narrativa que visa valorizar a história, a cultura e a identidade quilombola.

Abreu (2019) observa que uma comunidade que afirma sua identidade quilombola, transcende a noção do quilombo colonial como mero refúgio para negros fugidos do sistema escravagista e ressignifica-se como um espaço dinâmico de preservação da cultura e dos conhecimentos do povo negro.

Atualmente, os quilombos são habitados por grupos étnico-raciais que se autoidentificam e possuem percursos históricos distintos, relações territoriais específicas e uma ancestralidade negra intrinsecamente ligada à resistência e à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2007).

2.1 SINCRETISMO CULTURAL E RELIGIOSO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

A integração de diferentes simbologias e práticas culturais e religiosas, se manifesta de forma singular em comunidades tradicionais, como os quilombolas, indígenas e caiçaras (Santos, 2019).

Nesses contextos, o sincretismo não se configura como uma mera justaposição de elementos díspares, mas como um processo dinâmico de recriação cultural, que reflete a história, a identidade e a resistência dessas comunidades.

Ferretti (2013) argumenta que esse processo, mais do que uma sobreposição de práticas, representa uma estratégia cultural consciente que expressa resistência simbólica frente à dominação cultural.

Em sociedades quilombolas, o sincretismo revela-se de maneira particularmente latente, evidenciando a presença e a articulação de elementos oriundos de distintas matrizes culturais. Essa confluência simbólica e prática inscreve-se no cotidiano dos sujeitos que integram essas comunidades, manifestando-se em saberes, fazeres, rituais e modos de vida que traduzem uma herança plural e viva.



As festividades quilombolas também são marcadas pelo sincretismo, combinando elementos cristãos e africanos. A Festa do Divino Espírito Santo, por exemplo, mescla a tradição católica com ritmos e danças de origem africana, enquanto a Folia de Reis incorpora elementos da cultura popular brasileira. Essas festas reforçam os laços comunitários, promovem a coesão social e transmitem conhecimentos e valores às novas gerações (Moura, 1988).

No âmbito cultural é possível identificar as manifestações de múltiplas origens na culinária, especialmente na combinação de ingredientes e técnicas herdadas de diferentes povos. Pratos como o vatapá, o acarajé e o caruru refletem fortemente a influência africana, enquanto o uso da mandioca e de outros produtos nativos evidencia a contribuição dos povos indígenas, sobretudo em contextos regionais e locais (Gomes, 2019).

Essas singularidades desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural, na preservação da memória e na resistência cultural. Ao combinar elementos de diferentes culturas, as comunidades tradicionais reafirmam sua identidade e seus valores, ao mesmo tempo em que se adaptam às mudanças e aos desafios do mundo contemporâneo (Schwarcz, 2017).

No contexto religioso, em particular, essa combinação de elementos permite que as comunidades tradicionais mantenham suas crenças e práticas ancestrais, ao mesmo tempo em que incorporam elementos de outras religiões, criando um sistema de crenças híbrido e dinâmico. Essa flexibilidade religiosa contribui para a coesão social e para a adaptação a diferentes contextos sociais e culturais (Santos, 2019).

É importante destacar, conforme argumentam Ferretti (2013) e Nascimento (2013), que o sincretismo não é um processo passivo de aculturação, mas uma estratégia ativa de resistência cultural. Ao ressignificar elementos de diferentes culturas e troca de saberes, as comunidades tradicionais afirmam sua autonomia e sua capacidade de agência, rejeitando a imposição de modelos culturais hegemônicos.

No contexto da globalização e da intensificação dos contatos interculturais, essas trocas de saberes se tornam ainda mais evidentes e relevantes para as comunidades tradicionais que, simultaneamente, enfrentam os desafios da modernidade buscam preservar sua identidade e seus valores, reafirmando a importância do sincretismo como estratégia de resistência e resiliência cultural (Schwarcz, 2017).

Em vista disso, o sincretismo cultural e religioso, tal como se manifesta nas comunidades tradicionais, configura-se não apenas como uma articulação simbólica entre diferentes matrizes culturais, mas como um processo ativo de reelaboração identitária e resistência sociocultural. Longe de representar uma simples acomodação ou aculturação, assume o papel de estratégia, por meio do qual sujeitos historicamente subalternizados reconstróem suas referências culturais, ressignificam práticas ancestrais e afirmam sua autonomia frente às lógicas hegemônicas. Nesse sentido,



compreender o sincretismo não apenas como resultado de processos históricos de dominação, mas sobretudo como dispositivo de resistência, é fundamental para compreender a complexidade e a vitalidade das expressões identitárias que permeiam o universo das comunidades tradicionais no Brasil contemporâneo.

2.2 INTERAÇÃO ENTRE TERRITÓRIO E CULTURA

A interação entre território e cultura em comunidades quilombolas é complexa e diversa, configurando-se como um elemento chave para a compreensão da dinâmica social e cultural desses grupos (Almeida, 2011).

Para Raffestin (1993), o território é construído a partir da relação entre o espaço e o poder, sendo o resultado da apropriação e do controle de um determinado espaço por um grupo social. A maneira como indivíduos e coletividades se distribuem e ocupam o espaço reflete estratégias de uso e organização fundamentadas em critérios como distância e acessibilidade não se restringem ao aspecto físico, mas envolvem dimensões temporais, econômicas, simbólicas e sociais, influenciando a intensidade e a natureza das interações entre os lugares.

A partir dessas interações, formam-se redes, fluxos e hierarquias funcionais que estruturam o território e revelam diferentes níveis de poder e importância atribuídos às práticas e decisões coletivas. Assim, o território não é apenas uma superfície ocupada, mas um espaço vivido, ordenado e simbolicamente construído pelas relações sociais que nele se imprimem.

A preservação das práticas culturais e religiosas sincréticas nas comunidades quilombolas está intrinsecamente ligada à manutenção do território, um espaço que não se resume apenas à terra em si, mas envolve também os recursos naturais, os locais sagrados, as práticas agrícolas tradicionais e o conhecimento ancestral associado a esse espaço. A perda do território, portanto, implica em um risco à sobrevivência da cultura e da identidade quilombola (Gomes, 2019).

As práticas religiosas sincréticas, como o culto aos ancestrais, o uso de plantas medicinais e os rituais de cura, são realizadas em locais específicos dentro do território quilombola, como nos cemitérios, nas matas sagradas e nas casas de oração. Esses espaços sagrados são fundamentais para a manutenção das tradições religiosas e para a transmissão dos conhecimentos associados a elas (Ferretti, 2013).

Essa territorialidade também desempenha um papel importante na preservação das práticas culturais relacionadas à agricultura, à culinária e ao artesanato. O cultivo da terra, a produção de alimentos e o conhecimento tradicional associado a essas práticas representam um elo com o passado e com a ancestralidade, contribuindo para a afirmação da identidade quilombola (Gomes, 2019).

O vínculo entre território e cultura nas comunidades quilombolas se manifesta também na luta pela terra e pelo reconhecimento de seus direitos. O processo de demarcação e a titulação dos seus



espaços são fundamentais para garantir a preservação da cultura, da identidade e do modo de vida dessas comunidades (Nascimento, 2013).

Esse processo, quase sempre dinâmico e complexo, envolve a apropriação, o uso e a ressignificação do espaço. O território se configura como um elemento fundamental para a preservação das práticas culturais e religiosas sincréticas, para a afirmação da identidade quilombola e para a resistência cultural (Schwarcz, 2017).

Assim, a interação entre território e cultura são basilares para a reprodução social, material e imaterial desses grupos. O território, enquanto espaço apropriado e dotado de significados, sustenta práticas culturais, religiosas e produtivas que estruturam a identidade coletiva. Sua preservação não apenas assegura a continuidade de saberes e tradições, mas constitui uma condição para a resistência frente às dinâmicas de invisibilização e expropriação.

2.3 PRÁTICAS COTIDIANAS E O PAPEL DO SINCRETISMO

As práticas cotidianas em comunidades quilombolas são um reflexo vivo e dinâmico da convergência cultural que permeia a história e a identidade desses grupos. Essa fusão resultante do encontro entre diferentes matrizes africanas, indígenas e europeias, se manifesta em cada faceta da vida social, desde as celebrações e rituais religiosos até as formas de organização social, a culinária, a relação com o ambiente e os modos de produção (Almeida, 2011).

Os rituais religiosos expressam o sincretismo cultural, combinando elementos de diferentes tradições. O culto aos ancestrais, presente em diversas comunidades quilombolas, se alterna com a veneração de santos católicos e com práticas de cura e benzedura que incorporam elementos indígenas e africanos. O uso de plantas medicinais, as rezas e os benzimentos são práticas comuns em muitas comunidades quilombolas, demonstrando a fusão de saberes e crenças (Ferretti, 2013). Tais práticas evidenciam que a religiosidade, nas comunidades quilombolas, funciona não apenas como forma de expressão e profissão de fé, mas como um instrumento de comunicação e comunhão social, conforme propõe Raffestin (1993). Assim, a religião organiza sentidos, regula vínculos coletivos e atribui significado a espaços, tempos e objetos.,

Na culinária, a preparação e o compartilhamento de alimentos nas comunidades quilombolas também possuem um forte caráter social e cultural, reforçando os laços comunitários e transmitindo saberes e tradições às novas gerações (Gomes, 2019). As formas de organização nessas comunidades também refletem o sincretismo cultural. A tradição de ajuda mútua e cooperação, herança das sociedades africanas, combinam com elementos da cultura brasileira, como o compadrio e a vida comunitária. A liderança nas comunidades quilombolas é exercida por pessoas respeitadas pela sua sabedoria e conhecimento da tradição, e as decisões são tomadas de forma coletiva, em reuniões e assembleias (Schwarcz, 2017).



Nas práticas diárias das comunidades quilombolas, o sincretismo se revela como um mecanismo de preservação da memória e de afirmação territorial. A combinação de diferentes referências culturais, cunhadas ao longo do tempo, sustenta modos de vida que carregam significados profundos. Com esse movimento contínuo de adaptação e recriação, a identidade quilombola se fortalece e se projeta para o futuro.

3 O SINCRETISMO NAS PRÁTICAS COTIDIANAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO, DO MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO – MT

A comunidade quilombola de Mata Cavallo, situada no município de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, na região metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, distante a 51 km da Capital, destaca-se pela riqueza de suas tradições culturais e religiosas, marcadas pela ancestralidade africana e, também, da sabedoria indígena absorvida e disseminada pela cultura popular nos meios rurais (Barcelos, 2011).

A história da comunidade remonta a 1883, quando a Sesmaria Boa Vida, pertencente a D. Anna da Silva Tavares, foi doada aos seus escravizados alforriados. (Moura, 2009). Esse ato de doação, que condicionava a posse da terra ao compromisso de "cuidar dela enquanto vida tivessem", marca o início da formação do quilombo e revela a importância do território para a construção da identidade e da memória coletiva da comunidade.

Atualmente, a comunidade enfrenta um litígio pela posse definitiva da terra, que coloca em risco a preservação de seu patrimônio histórico e cultural. No entanto, mesmo diante das adversidades, os moradores de Mata Cavallo demonstram grande resiliência e seguem firmes na luta pela titulação de suas terras e na preservação de suas práticas religiosas e culturais, que representam um elo com o passado e um fator de coesão social (Barros, 2007).

A religiosidade e a cultura são marcadas pelo sincretismo, combinando elementos do catolicismo com as religiões de matriz africana. As comunidades ou grupos locais mantêm entre si uma rede de relações sociais que são tecidas, sobretudo, através do intercâmbio de mulheres por casamento, por mutirões, por festas de santo e ritos funerários, quando da perda de um dos quilombolas. Estão unidos, é claro, na luta pela terra, o que envolve quilombolas dispersos (Barros, 2007).

As práticas religiosas, como o Candomblé e a Umbanda, dialogam com o catolicismo, criando um espaço de fusão cultural onde o sagrado e o profano se entrelaçam nas celebrações do cotidiano.

Conforme Raffestin (1993), o profano e o sagrado coexistem de forma interdependente na organização do território quilombola, onde a religião regula os vínculos coletivos e atribui significado aos espaços.



Moura (2009) observa que não existiam igrejas em Mata Cavalo, as missas e os cultos evangélicos ocorriam em casas e escolas, enquanto as sessões e atendimentos de Umbanda eram realizados na residência de um pai de santo.

Com o passar do tempo, esse cenário se transformou, e hoje a comunidade conta com a presença de igrejas e templos religiosos que contribuem para a territorialização através da fé. Esses espaços reforçam a identidade cultural da comunidade, funcionando como pontos de encontro e de expressão das crenças locais, evidenciando a dinâmica das manifestações religiosas na região.

Nesse contexto, as festividades religiosas emergem como momentos emblemáticos que promovem tanto a devoção quanto a interação comunitária. Coroando as celebrações, as festas de santo dedicadas a São Gonçalo, São Benedito, São João, São Pedro, Santo Antônio, Nossa Senhora da Aparecida, São Cosme e Damião, representam instâncias marcantes de fé e tradição em Mata Cavalo.

Barcelos (2010), relata que as festividades, realizadas ao longo do ano, iniciam-se em janeiro com São Gonçalo, prosseguem em junho com São João, São Pedro e Santo Antônio, ganham destaque em julho com a extensa celebração de São Benedito, seguem em setembro com São Cosme e Damião e culminam em outubro com Nossa Senhora da Aparecida. Para além da devoção religiosa, esses eventos reforçam os laços comunitários e a cultura local, tornando-se elementos centrais da vida social dos seus habitantes.

Contudo, a perda de importantes referências comunitárias representa um desafio para a continuidade de algumas tradições como a festa do Congo e a dança do Congo, mas seus moradores também encontram força em outras práticas culturais ancestrais, como as benzeções. Essa tradição, profundamente enraizada na vida local, evidencia a conexão com o sagrado por meio de rituais de cura e cuidado, preservando um legado de conhecimento e espiritualidade (Brito e Caetano, 2022).

Outro saber ancestral, abordado por Holanda (1994) e observado em Mata Cavalo, refere-se a medicina alternativa, praticada por raizeiros e raizeiras que dominam técnicas tradicionais para a formulação de remédios naturais destinados ao tratamento de diversas enfermidades. Esse conhecimento, transmitido intergeracionalmente, reforça a valorização do uso sustentável dos recursos naturais, promovendo uma relação equilibrada entre as práticas terapêuticas e o meio ambiente.

Os modos de vida guardam estreita relação entre práticas produtivas e culturais, ampliadas pela diversidade de atividades de subsistência. O cultivo da mandioca, sobretudo para a fabricação de farinha, e a produção de banana, abóbora, hortaliças e frutos são essenciais para a dieta dos seus habitantes, complementada pela criação de animais para autoconsumo. No contexto da comunidade, a alimentação também revela influências do sincretismo religioso e cultural, materializadas em pratos que refletem um legado histórico e identitário. Entre as receitas tradicionais, destacam-se o doce de banana, o furrundu (doce feito a partir do pau de mamão), mingaus, cozidos, bolos de fubá e mandioca, biscoitos de polvilho e fubá (como o francisquito), paçoca de pilão, além de geleias e licores



produzidos a partir de frutos do Cerrado. No entanto, fatores como a sazonalidade da produção e a vulnerabilidade ambiental vêm impactando diretamente a disponibilidade de alimentos, além de modificar práticas antes comuns, como a caça e a pesca, que agora sofrem interrupções devido ao agravamento climático e ao aumento da fiscalização ambiental.

Vale destacar que o sincretismo religioso e cultural em Mata Cavalo evidencia a complexidade das relações sociais e a capacidade de resistência da comunidade quilombola frente às adversidades históricas e contemporâneas. A fusão de crenças e práticas, transmitidas intergeracionalmente, não apenas fortalece a identidade local, mas também reafirma a importância do território como espaço de memória, fé e pertencimento. Diante dos desafios impostos pela disputa fundiária e pelas transformações ambientais, os moradores seguem preservando seus saberes e tradições, garantindo que sua herança cultural permaneça viva e ativa no cotidiano.

4 DISCUSSÃO

O presente artigo evidenciou a centralidade do território na preservação e adaptação das práticas culturais e religiosas da comunidade quilombola de Mata Cavalo – MT, para além de sua função como espaço físico e provedor de recursos, apresentando um eixo fundamental na construção da memória, ancestralidade e resistência, onde diferentes tradições se encontram e se ressignificam ao longo do tempo.

Observou-se que o território permeia diversas esferas da vida social da comunidade, abrigando rituais religiosos que combinam elementos do catolicismo e das religiões de matriz africana. Além disso, é nele que se desenvolvem as manifestações artísticas, como a música e a dança, reforçando a identidade quilombola e seu legado cultural.

As expressões religiosas e culturais da comunidade não são estáticas, mas passam por um constante processo de transformação, influenciadas por interações externas e internas, se adaptam às novas realidades sem perder sua conexão com a ancestralidade. Nesse sentido, o território desempenha um papel mediador, permitindo a continuidade dessas expressões em meio às mudanças sociais e ambientais.

A sobrevivência da comunidade quilombola de Mata Cavalo não depende apenas da continuidade das práticas sincréticas, mas sobretudo da capacidade de manter o território que lhes dá sentido. O litígio fundiário em curso, como o próprio texto evidencia, coloca em risco não apenas a posse da terra, mas todo o sistema cultural que dela depende. A perda do território significaria a ruptura dos vínculos com os espaços sagrados, com as áreas de cultivo e com os locais de memória que sustentam a identidade coletiva.

Além disso, a comunidade enfrenta obstáculos para a manutenção de referências tradicionais, como a festa e a dança do Congo, cuja continuidade já se encontra ameaçada. Esse enfraquecimento



cultural se soma às pressões econômicas e às influências culturais externas, que de um âmbito geral, introduzem novos valores e práticas religiosas, alterando o equilíbrio simbólico que historicamente estruturou o modo de vida local. A presença crescente de igrejas e templos, embora também componha o mosaico religioso da comunidade, redefine relações de poder e reorganiza o território a partir de outras lógicas de fé.

A vulnerabilidade ambiental e a sazonalidade da produção, por sua vez, impactam diretamente a autonomia alimentar e produtiva da comunidade, modificando práticas tradicionais como a caça, a pesca e o cultivo de alimentos. Esses fatores combinados, revelam que a permanência em Mata Cavalo depende de um conjunto de condições que ultrapassam o sincretismo cultural: envolve a defesa do território, a proteção dos saberes ancestrais, a transmissão intergeracional de práticas e a capacidade de enfrentar pressões externas que ameaçam sua continuidade.

5 RESULTADOS

Esse estudo sobre a comunidade quilombola de Mata Cavalo evidenciou a profunda relação entre território, identidade e manifestações culturais e religiosas. Mais do que um espaço físico, o território quilombola configura-se como um ambiente de memória, ancestralidade e resistência, onde tradições se perpetuam e se transformam ao longo do tempo.

Observou-se que as expressões religiosas na comunidade combinam influências do catolicismo com elementos das religiões de matriz africana, resultando em um sistema de crenças dinâmico. As festividades, dedicadas a santos como São Benedito, São João e Nossa Senhora Aparecida, incorporam ritos que reafirmam o pertencimento quilombola e fortalecem os laços comunitários.

Além do aspecto religioso, as práticas culturais do grupo também refletem essa fusão de influências. A música e a dança, por exemplo, desempenham um papel central na reafirmação da identidade local, com ritmos como o batuque, o siriri e a dança do Congo. Esses elementos expressam a história coletiva da comunidade e sua relação com o território.

Há evidências, ainda, de que os espaços sagrados como: cemitérios, matas e casas de reza, são fundamentais para a realização de rituais e para a transmissão de conhecimentos.

A pesquisa revelou ainda que a luta pela terra e pelo reconhecimento do território quilombola é uma forma de resistência cultural e de afirmação da identidade. A demarcação do território garante a preservação das práticas sincréticas e a continuidade da cultura quilombola.

Resumidamente, os resultados demonstram que o sincretismo é um elemento fundamental na vida cotidiana da comunidade quilombola de Mata Cavalo, manifestando-se nas práticas religiosas, culturais e sociais. O território, por sua vez, se configura como um espaço vital para a preservação e a reprodução do sincretismo, garantindo a continuidade da cultura e da identidade quilombola.



REFERÊNCIAS

ABREU, Adrianny de Arruda. Uma escola no Quilombo: a história da educação, lutas e resistências na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Acesso em: 28 mar. 2025.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quilombolas e novas etnias / Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus: UEA Edições, 2011.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. O Quilombo Mata Cavalo: territorialidade negra no mundo globalizado. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Quilombo_Mata_Cavalo.pdf>. Acesso em: 31 out. 2024.

BARROS, Edir Pina de. Laudo Pericial Histórico-Antropológico. Antropóloga/Perita. Março de 2007. Processo no. 2003.36.00.008934-6. Classe 07100 – Ação Civil Pública. Objeto: Proteção possessória – Posse – Civil. Requerente: Ministério Público Federal. Requeridos: Fundação Cultural Palmares e Outros.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 136, 08 fev. 2007.

BRITO, Flávia Lorena; CAETANO, Edson. Caminho bordado a fé: mapeando práticas insurgentes de cuidado e cura no quilombo de Mata Cavalo. Ponto Urbe [Online], 30 | 2022, posto online no dia 09 julho 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/11772>. Acesso em: 31 out. 2024.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Repensando o sincretismo. 2. ed. - - São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013. 280 p.

GOMES, Flávio dos Santos. Mocambos e quilombos: história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

HAESBAERT, Rogério. Território e cultura: problematizando a identidade. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à geografia cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 224 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Caminhos e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOURA, Antônio Eustáquio de. Quilombo Mata Cavalo, A fênix negra mato-grossense: etnicidade e luta pela terra no estado de Mato Grosso. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP [s, n], 2009.

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a resistência negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Abdias do Nascimento. Prefácio à edição nigeriana de Wole Soyinka; prefácio de Florestan Fernandes. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.



- NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo, documentos de uma militância panafricanista. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980. 235p.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. O quilombo do Leblon: estudo de uma comunidade urbana. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- PINTO, Altair. Dicionário da Umbanda. 6. ed. Rio de Janeiro: Eco, 2007.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Juarez dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2019.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SOUSA, Áureo João de. Etnicidade e territorialidade na comunidade quilombola Custaneira/Tronco, município de Paquetá - PI, Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2015. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2637983>. Acesso em: 30 mar. 2025>.

